

RISCO DE DESVALORIZAÇÃO CONTINUA

Paulo Silva Pinto
Da equipe do **Correio**

OCARNAVAL JÁ PODE SER CIR-
CUNDADO COM CANETA
VERMELHA NO CALENDÁRIO ECO-
NÔMICO DO PRÓXIMO ANO. É O
MOMENTO EM QUE HAVERÁ RIS-
CO MÁXIMO DE O REAL SER DES-
VALORIZADO DE MANEIRA MAIS
VELOZ DO QUE VEM ACONTECEN-
DO, NUMA CONSEQUÊNCIA DAS
MEDIDAS ANUNCIADAS ONTEM.

Essa é a avaliação do professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas Carlos Eduardo de Freitas, diretor da Área Externa do Banco Central entre 1985 e 1988.

Freitas afirma que as medidas do governo, além de aumentarem o desemprego e reduzirem a massa de salários, são uma preparação para acelerar a desvalorização do real. Até o Carnaval será possível avaliar se o cenário internacional melhorou e as medidas atuais foram suficientes para as contas externas do Brasil. As duas hipóteses segurariam a cotação do real mas são improváveis, segundo Freitas. E se isso acontecer, será necessário mexer no câmbio sem mais tardar.

Segundo analistas do mercado financeiro, a moeda brasileira está sobrevalorizada em relação ao dólar em cerca de 30%. Isso significa que o dólar passaria a valer 30% mais, aproximadamente, se o Banco Central (BC) parasse de com seus leilões cambiais, que aumentam a oferta da moeda norte-americana. Os exportadores defendem a desvalorização porque seus produtos ficariam mais baratos lá fora, aumentando as vendas.

Com o pacote fiscal, o governo busca o mesmo efeito da desvalorização, optando por pisar no freio da economia. Haverá R\$ 20 bilhões a menos na sociedade, por meio do aumento de impostos e corte de gastos públicos. Cai a procura por produtos no mercado interno. A saída para a indústria é exportar mais e as importações tendem a diminuir.

Essas medidas podem bastar se, nos próximos meses, continuar existindo dinheiro abundante no mundo para contrabalancear o déficit de conta corrente brasileiro (saem mais dólares do país do que entram). Freitas acha isso difícil depois da crise asiática. Mas o governo poderá aproveitar a economia desaquecida para desvalorizar o real. É vantagem esperar esse quadro — em vez de mexer no câmbio agora — porque elimina-se o risco da inflação. Com a economia desaquecida e desemprego maior, as pessoas aceitam pagar mais caro pelos produtos sem reivindicar reajuste salarial.

Nesse cenário o governo deverá, também, ficar sem ver a cor dos R\$ 20 bilhões com que pretende engordar o caixa do próximo ano. Com a elevação que ocorreu nas taxas de juros, o governo gastará mais R\$ 12 bilhões com sua dívida. Além disso, como as medidas anunciadas são recessivas, deverá haver diminuição de arrecadação de aproximadamente R\$ 8 bilhões, estima Freitas.

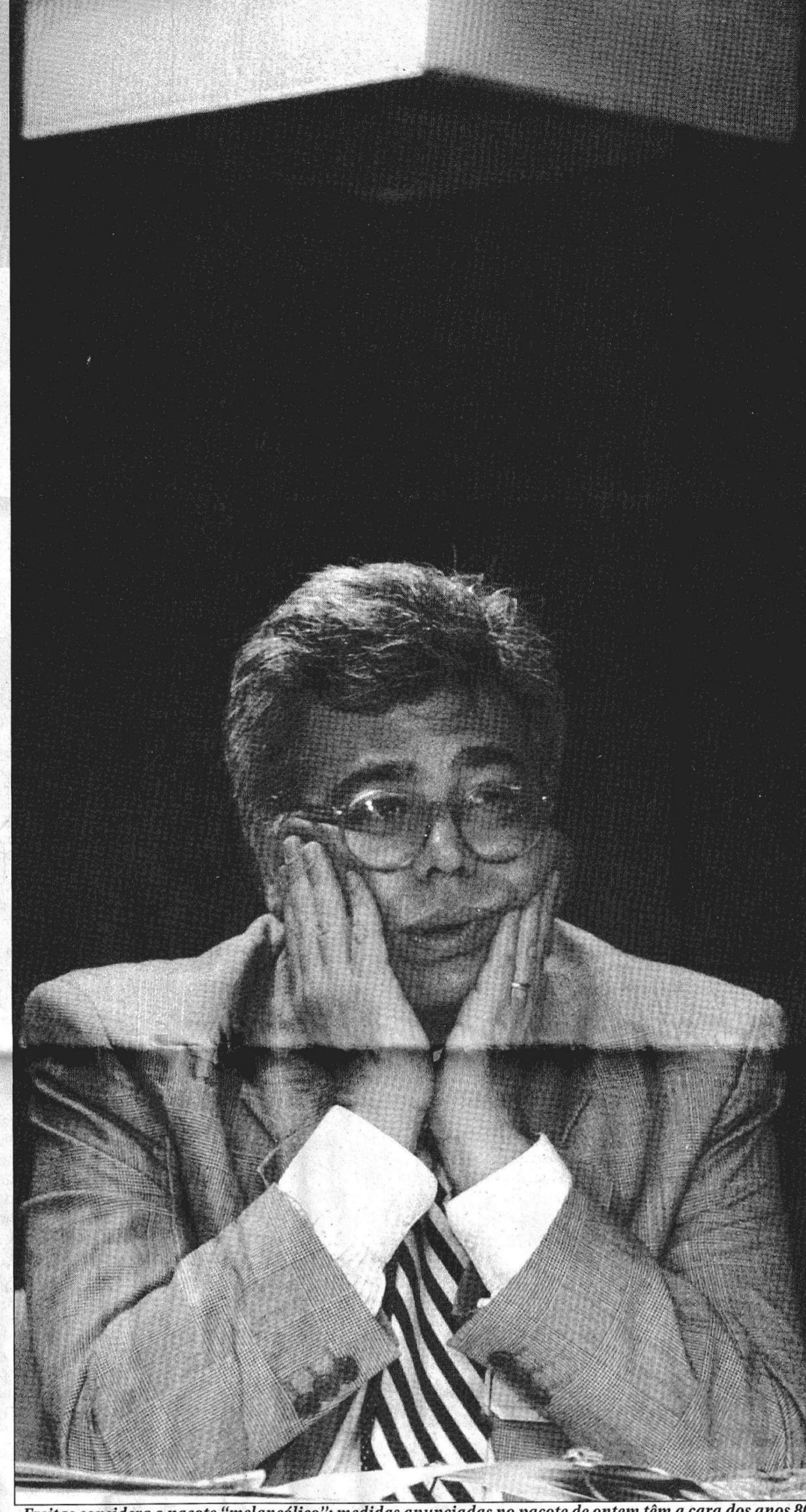
MODELO 80

Em vez de uma grande desvalorização do real, poderão ser feitas mini-desvalorizações, em um ritmo mais intenso do que o atual. Mas há um caminho pior, segundo Freitas: medidas pontuais de restrição à saída de capitais. Seria a resurreição do compulsório (empréstimos forçados ao governo, que são devolvidos depois de cerca de um ano) sobre passagens para o exterior e sobre as importações e as restrições ao câmbio. "Se isso acontecer, estarão nos vendendo um carro modelo 80", diz Freitas.

Ele acha que as medidas anunciadas ontem já têm a cara da década passada. "A obrigação de as estatais cortarem 5% do pessoal consta em todos os últimos 20 pacotes econômicos. Se tivessem sido cumpridos, as estatais não teriam nenhum funcionário hoje". Ele duvida também que haverá cortes de funcionários da administração direta. "Se dissessem que iriam demitir 800 pessoas, era o caso de os funcionários públicos se preocuparem. Mas se estão falando em demitir 33 mil é porque provavelmente ninguém vai para a rua."

Freitas esperava atitudes novas. "Uma medida estilo anos 90 seria fazer uma MP que permitisse a falência de empresas estatais ineficientes, em vez de determinar que façam esse ou aquele corte", disse.

Jorge Cardoso 18.11.96



Freitas considera o pacote "melancólico": medidas anunciadas no pacote de ontem têm a cara dos anos 80